

# Será que o dinheiro nos pensa?

Anselm Jappe

## Resumo

O que tornou possível a capacidade do pensamento abstrato tal como se configurou nos últimos séculos e hoje se dá a conhecer como um atributo natural do homem civilizado? Por que essa capacidade lhe permitiu desenvolver a ciência moderna, tornando-o capaz de uma dominação cada vez mais abrangente do mundo? O texto que se segue rememora a obra clássica de Alfred Sohn-Rethel que procurou encontrar respostas para essas e outras perguntas assemelhadas.

**Palavras chaves:** Sohn-Rethel; categorias do entendimento; dinheiro e abstração real; síntese social.

**Classificação JEL:** A 14; Z 13.

O que deu aos homens a capacidade do pensamento abstrato? Será que existe um laço entre a abstração conceitual e as condições sociais da vida e da produção material? Será que a possibilidade de abstrair um elemento comum de uma multiplicidade de fatores, base do pensamento científico, está ligada a experiências da vida cotidiana? Será que essa possibilidade está ligada com um dos atos mais frequentemente repetidos no mundo, pelo menos nos últimos séculos: o ato de vender e comprar, de trocar uma mercadoria por dinheiro e dinheiro por mercadoria? Será que essa experiência, que estrutura uma grande parte de tudo o que vive o homem “civilizado”, contribuiu para o nascimento das grandes categorias filosóficas do ocidente, a partir da Grécia Antiga? E se tentarmos explicações históricas e materialistas do pensamento humano, deve-se limitar a uma análise dos *conteúdos* da consciência, ou poder-se-ia arrancar essas mesmas formas do conhecimento de sua aparência ontológica e atemporal para encontrar

sua gênese nas modalidades das trocas materiais em diferentes épocas da história?

Uma das primeiras contribuições a essa discussão, e uma das mais ricas, foi dada pelo pensador marxista alemão Alfred Sohn-Rethel (1899-1990), companheiro de estrada de Walter Benjamin e de Theodor W. Adorno<sup>1</sup>. Sua reflexão visa dar uma *explicação histórica e materialista das formas mesmas do conhecimento*, analisando sobretudo a primeira aparição do pensamento filosófico na Grécia, o nascimento da ciência moderna com Galileu e o *a priori* de Kant. Ele faz uma conexão entre as categorias “puras” do entendimento e a ação cega do que continua, desde há 2500 anos, a governar as sociedades: o dinheiro. E isso continua hoje um “tabu” tão grande quanto o era nas universidades alemãs da época de Husserl e de Heidegger.

Assim, Sohn-Rethel afronta uma das grandes questões da filosofia: qual é a origem das formas de consciência, dessas “grades” que permitem a cada indivíduo organizar os dados múltiplos fornecidos pela percepção sensível; formas dentre as quais o tempo, o espaço e a causalidade figuram como as mais importantes? A possibilidade de organizar o caos das impressões espontâneas em um conjunto provido de sentido deve, evidentemente, preceder essas impressões e não pode delas derivar. Este foi o problema “clássico” da filosofia, pelo menos entre Descartes e Kant. Duas respostas principais foram dadas, e elas dominam a reflexão filosófica até hoje: ou bem essas categorias são elas próprias de origem empírica, resultado da constância da experiência, mas sem validade absoluta, portanto não se pode delas deduzir julgamentos *a priori* que possam ser admitidos por todos sem recurso à experiência (do gênero  $a = a$ ). É a resposta empirista, de David Hume até Paul Feyerabend. Ou então se pressupõe uma estrutura ontológica, praticamente inata do homem, que em todos os tempos e em todos os lugares organiza da mesma maneira *a priori* um material inconhecível enquanto tal. Claro, essa é a solução proposta por Kant<sup>2</sup>. Ora Sohn-Rethel traz a lume uma terceira possibilidade: a origem das formas de consciência (e do conhecimento) não é nem empírica nem ontológica, mas *histórica*. As formas do pensamento, essas “fôrmas” para dentro das quais devem fluir os dados particulares, não derivam — eis o núcleo da teoria de Sohn-Rethel — do pensamento mesmo, mas da *ação*

humana. Não da ação enquanto tal, como categoria ela mesma filosófica e abstrata, mas da ação histórica e concreta do homem. As formas do pensamento — portanto, o intelecto, diferente dos simples conteúdos da consciência — sempre são a expressão das relações sociais dos homens numa dada época; no interior desse contexto, elas têm, entretanto, uma validade objetiva. Essa perspectiva sobre a história do pensamento é evidentemente uma aplicação do princípio segundo o qual não é a consciência que determina o ser, mas o ser social que determina a consciência. É certo que esse princípio é o do materialismo histórico. Sohn-Rethel insiste imediatamente em precisar que não se trata de uma simples inversão, visto que não é o ser da natureza, mas o ser social, a vida em sociedade, que determina a consciência. Essa distinção será capital em sua teoria.

Marx não precedeu sua de uma obra uma teoria do conhecimento; como dizia Adorno, “sentido verdadeira repulsa em relação às querelas acadêmicas, [Marx] exerceu sua fúria no meio das categorias da teoria do conhecimento como um elefante que entre em uma loja de porcelana”<sup>3</sup>. A separação entre o método e o conteúdo, a “aplicação” de um procedimento presumido universal a matérias particulares é incompatível com o método dialético, como já o tinha demonstrado Hegel. Naturalmente isso não quer dizer que Marx não deu uma contribuição à teoria do conhecimento. Muito pelo contrário: segundo Sohn-Rethel, a análise marxiana da mercadoria era a primeira explicação da origem histórica de uma pura forma (a abstração), enquanto que até então a forma, e sobretudo a forma conceitual, passava por algo não “dedutível no espaço e no tempo”<sup>4</sup>. No entanto, essas análises — que constituem o ponto de partida para Sohn-Rethel — permaneciam implícitas em Marx. Seus sucessores, a partir de Engels, delas tiraram um método, chamado “materialismo histórico”<sup>5</sup>, às vezes alargado a um “materialismo dialético” que pretendia explicar até mesmo os acontecimentos naturais. Engels, Lênin, Plekhanov e muitos outros sustentavam a tese — bastante simplista — de que o conhecimento científico é um “reflexo” objetivo da realidade exterior, um “reflexo” que se aperfeiçoa ao longo da história, enquanto que a cultura, a filosofia e a religião, etc., seriam apenas uma “superestrutura” em relação à “base” econômica: seriam “ideologias” nas quais as diferentes classes

sociais representam seus interesses materiais e “tomam consciência desse conflito que conduzem até o fim<sup>6</sup>”.

Em relação a essa explicação materialista dos *conteúdos*, Sohn-Rethel se propõe a analisar — sempre no quadro do materialismo histórico — um nível mais profundo, o das *formas* mesmas que estruturam a consciência; também a teoria marxista sempre pressupôs essas formas como um simples dado universalmente humano. Sohn-Rethel entende, então, preencher uma importante lacuna no marxismo e no pensamento mesmo de Marx<sup>7</sup>. O que lhe interessa é a *gênese*: a gênese do que aparentemente não tem gênese, posto que se apresenta como existindo sempre e por toda parte; e ele quer igualmente explicar a gênese dessa aparente ausência de gênese.

Sohn-Rethel foi um dos raros marxistas que baseou sua leitura de Marx na análise da forma-valor. É com esta que Marx começa O Capital; entretanto, o marxismo tradicional sempre a considerou como uma simples definição preliminar, sem saber reconhecer nela o verdadeiro fundamento da crítica marxiana das categorias de base da sociedade mercantil<sup>8</sup>. Sohn-Rethel extrai da forma-valor sobretudo a noção de *abstração na troca*: para poder trocar duas mercadorias, é necessário compará-las a uma terceira mercadoria. Então, pressupõe-se que as três mercadorias sejam expressões, determinadas quantitativamente, de uma substância comum a todas, e para determinar esta substância, “faz-se abstração” das qualidades concretas das mercadorias e de seus usos concretos possíveis. Mas para Marx, esse “terceiro elemento”, comum a duas mercadorias diferentes, é constituído pelo trabalho, mais precisamente pelo trabalho indiferente a seu conteúdo, ou seja, pelo simples tempo que é necessário para a produção da mercadoria em questão (é o que Marx chama “trabalho abstrato”, ou seja, o lado abstrato do trabalho — e não outro tipo de trabalho, um trabalho “imaterial” como se pretende com frequência hoje em dia). Aqui, Sohn-Rethel não segue Marx, mas vê a abstração surgir de outra fonte: a separação entre “ato de uso” e “ato de troca”. Nesse último, “faz-se abstração” do uso, no sentido de que o rejeitamos, quer dizer, renunciemo-lo por um momento. A troca forma uma realidade a parte, separada em relação ao trabalho e ao uso. É um fato puramente social; na troca não há relação com a natureza, como é o caso na produção. O lado social do

objeto reside, assim, exclusivamente na troca, a saber, na mudança de propriedade, sem que qualquer modificação material nisso intervenha.

A história do intelecto separado se desenvolveu paralelamente à história das formas de troca. A troca, assim como o intelecto, apresentam-se como não-históricos, não sujeitos a devir, portanto, como eternos. Eles estariam, assim, fora do alcance de toda crítica, e sobretudo de toda prática histórica. A troca de equivalentes tanto quanto o conhecimento científico se baseiam numa razão calculadora, que se assenta acima de todo conteúdo e é aplicável a todo conteúdo. Se já o jovem Marx denominou a lógica “o dinheiro do espírito”<sup>9</sup>, é porque se encontra nos dois casos a mesma indiferença no que respeita aos conteúdos específicos. Existe um laço entre a forma lógica da universalidade, quer dizer a pura atividade de pensamento, e a socialização do trabalho, que se eleva igualmente acima das atividades produtoras reais como seu ponto comum de referência: o *valor* – o dinheiro – enquanto soma de todos os trabalhos concretos. Sohn-Rethel supera o materialismo histórico tradicional, posto que ele não atrela a evolução das categorias do intelecto ao lado concreto do trabalho, por exemplo à evolução das técnicas, mas ao lado social do trabalho, que em uma sociedade mercantil é seu lado abstrato representado no dinheiro. Sohn-Rethel reconhece que essa “abstratificação” que tem lugar na troca não é um procedimento “inocente”, uma simples necessidade técnica que acompanha inevitavelmente toda e qualquer circulação de bens entre os homens, qualquer que sejam o lugar e o tempo. Ele afirma antes de qualquer coisa que a abstração na troca constitui o coração da sociedade capitalista e que ela possui sua história própria e suas características espaço-temporais.

Segundo Sohn-Rethel, nas sociedades “tribais”, o “trabalho” e a “sociedade” coincidem. Aqueles que trabalham<sup>10</sup> também dispõem dos saberes que lhes são necessários para trabalhar. O que uma comunidade produz, ela o consome, depois de ter distribuído em seu interior os frutos do trabalho. Não há “troca” entre os membros da comunidade. Tudo isso muda na Idade do Bronze com as primeiras culturas altamente organizadas nos vales fluviais (Egito, Mesopotâmia, China). As capacidades técnicas a partir de então requeridas (hidráulica, astronomia, matemática, arquitetura, e sobretudo a escrita) tornam-

se o apanágio de uma camada de trabalhadores intelectuais, enquanto que os outros caem na servidão ou escravidão, passando a apenas executar trabalhos manuais. É então que ganha lugar, diz Sohn-Rethel, a separação mais fundamental, da qual dependerão todas as outras: a separação entre “trabalho manual e trabalho intelectual”<sup>11</sup>. O intelecto separado começou sua carreira nessa época, cristalizando-se numa classe socialmente privilegiada; daí derivava a possibilidade de explorar as outras. As classes dominantes, que não trabalhavam com as próprias mãos, precisavam de qualquer modo dispor do conhecimento da natureza que antes só existia no metabolismo prático com a natureza realizada pelo trabalho manual.

Nem a produção em comum (que Sohn-Rethel chama de “lógica da produção” e que, segundo ele, será restaurada no comunismo futuro) nem a apropriação direta (no caso da escravidão, dos tributos ou da guerra) têm necessidade de uma “troca”. É com o comércio, já bastante florescente em certas partes do mundo no III e II milênios antes de nossa era, que nasce a troca entre parceiros formalmente iguais. Dessa forma, eles precisam introduzir essa equivalência entre as mercadorias de onde nasce a abstração. O fato, puramente mental e convencional, de comparar duas mercadorias a uma terceira — o fato de colocá-las em equivalência — introduz no mundo uma *abstração bem real*. Esta, por sua vez, constitui uma terceira forma de realidade, que não é nem “real” (o objeto continua o mesmo antes e depois da troca, nenhuma análise química ou física seria capaz de descobrir o valor que os homens atribuem a seus produtos na troca, como dizia Marx), nem puramente pensada, já que ela tem um substrato material no dinheiro.

Mas durante um longo período da história, essa abstração na troca permaneceu antes de tudo virtual, ou embrionária. Pouco a pouco, passou-se da troca ao uso regular de uma matéria escolhida como equivalente, ou seja, como terceiro elemento que permite comparar com o mesmo parâmetro as quantidades de duas mercadorias, incomparáveis no plano do uso. São os metais preciosos que se impuseram como equivalente geral. Mas, nesse caso, ainda se tratava de uma mercadoria que mantinha igualmente um valor de uso. Tudo isso mudou no momento em que se começou a cunhar a *moeda*: um equivalente sem utilidade material, que não servia senão para as trocas e cujo valor não era determinado por

suas qualidades físicas reais (peso do metal), mas pela garantia dada com a cunhagem efetuada por uma autoridade. Este acontecimento, que segundo Sohn-Rethel perturbou a história humana, tem uma origem bem precisa: nas cidades gregas de Jônia onde apareceu a moeda, no século VII antes de nossa era, em um período de grandes transformações sociais (passagem da feudalidade fundiária à burguesia comerciante). Sabe-se que depois disso houve um grande impulso comercial que abalou toda a história greco-romana. Mas é exatamente no mesmo pequeno canto do mundo — nas cidades jônicas — onde apareceram, uma ou duas gerações depois das primeiras moedas, também os primeiros filósofos: Tales, Anaxímenes, Anaximandro. Marca-se igualmente com eles a etapa decisiva na passagem do pensamento mítico ao pensamento racional. Ora, essa proximidade no espaço e no tempo é para Sohn-Rethel tudo menos um acaso.

A abstração que permanecia meio vaga nas formas anteriores de troca, representa-se agora em um suporte material: o dinheiro. O dinheiro é, portanto, diz Sohn-Rethel, uma *abstração real*<sup>12</sup>. É a representação material de algo que não é material, mas abstrato: o valor que os homens atribuem às mercadorias. Pode-se ler em Marx as consequências enormes da invenção do dinheiro: esse equivalente geral de todas as mercadorias pode ser acumulado e em seguida reinvestido; assim, a acumulação de dinheiro torna-se rapidamente o verdadeiro objetivo da produção mercantil, em vez de um simples *meio* técnico, como muitos economistas querem crer ainda hoje. Já os gregos ficaram pasmados perante potência do dinheiro e os estragos que ele produzia em sua sociedade. Sohn-Rethel analisa o lado conceitual da aparição do dinheiro: pela primeira vez, uma substância imaterial — o valor — permanecia igual enquanto que seus portadores concretos — as mercadorias e as moedas — mudavam. A abstração que estava já na base de toda sociedade fundada na troca, tinha a partir dali se tornado *visível*. Ela não era causada por um ato de pensamento (como pretende a concepção corrente de abstração, a partir de Platão), mas sim a atos efetivos, atos que possuem essa dimensão espaço-temporal da qual o conceito seria desprovido. Tal abstração só existe no pensamento, mas sua origem não é no pensamento; ela vai além, portanto, da distinção metafísica habitual entre a consciência e o ser.

Essa experiência perturbadora está na origem da maioria dos conceitos elaborados pelos filósofos gregos: substância, infinito, totalidade, identidade, contradição, espaço, tempo, número, quantidade, etc.. Se esses conceitos determinaram todo o desenvolvimento ulterior da história do pensamento e se eles prevalecem ainda hoje, é porque nós ainda vivemos essencialmente com a mesma abstração da troca que os Gregos; e o ato da troca está na origem de todas as outras formas de abstração.

Dessa forma, Sohn-Rethel estabelece um liame entre aquilo que é considerado pela tradição ocidental como o aspecto mais “nobre” do homem, a saber, sua pura atividade de pensamento, a causas bastantes “baixas”: ao dinheiro, à mercadoria, a todos os atos cotidianos — tão banais — de comprar e vender. O “milagre grego”, que fez tanta tinta ser gasta, é aqui relacionado com o aparecimento da moeda, um fato considerado por muito tempo indigno da atenção dos filósofos. As categorias do entendimento, estáveis no interior do mundo das impressões sensoriais sempre cambiante, são o “reflexo” do dinheiro, a forma visível do valor que sempre se renova no mundo também cambiante das mercadorias concretas. Uma vez que o trabalho manual, privado de sua força mental, não pode mais efetuar a coesão dos trabalhos diferentes, nem a da sociedade em geral, é preciso assegurar o laço social *a posteriori* pela troca<sup>13</sup> e pela atividade intelectual — logo, pela abstração. É o intelecto separado, fruto da separação entre trabalho manual e trabalho intelectual<sup>14</sup>, que deve, desse modo, operar a “síntese social” (outro conceito central em Sohn-Rethel, calcado na “atividade sintética” da razão em Kant). Na antiguidade clássica, assim como hoje, o lugar da síntese social não era mais a produção, mais a circulação, segundo Sohn-Rethel.

Sohn-Rethel tem a oferecer efetivamente algumas interpretações interessantes da história da filosofia e da ciência, sobretudo no que diz respeito às da Grécia antiga<sup>15</sup>. Diz ele: “Juntamente com Pitágoras e Heráclito, Parmênides faz parte dos primeiros filósofos com os quais a atividade mental humana se reveste de uma forma completamente diferente dos antropomorfismos associados aos modos de produção comunitárias que precederam a era da produção mercantil”<sup>16</sup>. Quanto a Pitágoras, “que é o primeiro a utilizar o pensamento matemático em seu

caráter dedutivo, ele apareceu depois da primeira difusão da moeda nos séculos VII e VI a. C., e pode-se pensar presentemente que ele próprio contribuiu para a instituição de um sistema de cunhagem de moeda em Crotona, para onde emigrou de Samos por volta de 540 a.C.<sup>17</sup>. Em seguida, Parmênides foi o primeiro a elaborar a noção ontológica de uma substância unitária, perfeita, inalterável, onipresente. Onde, pergunta Sohn-Rethel, poderia ele ter feito a experiência de uma tal substância, que não existe na natureza? Resposta: utilizando quotidianamente dinheiro. E isso explica muita coisa: segundo Sohn-Rethel, o famoso paradoxo da flecha de Zenon exprime o movimento das mercadorias, divisível ao infinito, enquanto que o valor supostamente permaneceria sempre o mesmo<sup>18</sup>. Os filósofos puderam conceber a abstração porque esta, graças à moeda, não era mais somente uma operação mental, mas uma evidência tangível. O desenvolvimento do pensamento abstrato, considerado a grande contribuição dos gregos à história da humanidade, não é atribuível a um simples progresso do espírito, mas a fatores socioeconômicos precisos. Certamente, os filósofos, em nenhuma época, tinham consciência dessa origem de seus conceitos — o ocultamento da gênese aconteceu desde o início. Não é surpreendente porque os participantes do processo de troca não tem de modo algum consciência da abstração que efetuam. Eles apenas se interessam pelo lado prático da transação: pela simples quantidade de valor de troca (logo, de dinheiro) que obtêm (e não à sua natureza ou à sua origem). Essa invenção grega, a abstração, não dizia respeito apenas à filosofia: na matemática, os gregos conceitualizaram — e, assim, enunciaram numa forma abstrata, tornada válida para além do contexto concreto — o que outras culturas, como os egípcios, já conheciam em um nível puramente empírico (por exemplo o número  $\pi$  ou o teorema de Pitágoras).

Mais tarde a escolástica medieval correspondia a um avançar da economia monetária, que, entretanto, permanecia ainda limitado à esfera da simples circulação (essencialmente às transações comerciais). Em compensação, o conceito de movimento que se impôs com Galileu, um conceito dinâmico e não-empírico, correspondia ao movimento infinito do dinheiro, que não para de crescer tão logo se torna capital,<sup>19</sup>. Sohn-Rethel se refere frequentemente a Galileu e a seu conceito de movimento: este último deriva de uma abstração que não tem sua

origem nem na natureza (visto ser o fruto de uma abstração matemática: o movimento absoluto não é observável, pelo menos não o era à época de Galileu), nem no pensamento puro, pois o movimento é real. Ele não pertence nem ao objeto, nem ao sujeito que conhece a natureza<sup>20</sup>. A ciência moderna definitivamente separou o intelecto do trabalho manual e concentrou a compreensão do mundo nos mestres, expropriando os trabalhadores de suas competências: “Galileu tornou possível um conhecimento da natureza a partir de fontes diferentes do trabalho manual. É a característica principal da ciência moderna. Com uma tecnologia dependente do saber dos trabalhadores, o modo capitalista de produção seria impossível”<sup>21</sup>. Deste modo, a evolução dos saberes científicos, conforme Sohn-Rethel, não é uma simples tomada de consciência progressiva da realidade — como acreditava a ciência “clássica” —, nem uma sequência de hipóteses que podem “funcionar”, mas nunca ser “verdadeiras”, como pretende fazer crer o positivismo. Esta evolução tem antes de tudo um fundamento objetivo nas formas sociais de uma época.

A preocupação original de Sohn-Rethel era “pagar ao idealismo transcendental na mesma moeda”<sup>22</sup> e “recolocar Kant sobre os pés”<sup>23</sup> (como Marx fizera com Hegel), encontrando a origem da síntese kantiana no trabalho social e o sujeito transcendental na forma valor<sup>24</sup>. Escreveu ele em 1937: “Basta colocar no lugar da unidade idêntica do dinheiro a ‘unidade da autoconsciência’, no lugar da função sintética do dinheiro na sociedade de troca a ‘unidade originária e sintética da apercepção’, no lugar de seu papel constitutivo na produção capitalista a ‘razão pura’, no lugar do próprio capital a ‘razão’, no lugar do mundo das mercadorias a ‘experiência’ e no lugar da troca das mercadorias, segundo as leis do modo de produção capitalista, a ‘existência’ das coisas segundo leis’, portanto a ‘natureza’, para assim poder reconstituir toda epistemologia de Kant, com suas contradições internas necessárias, a partir da análise da reificação capitalista”<sup>25</sup>. O que se reflete no sujeito transcendental é o caráter inconsciente do trabalho social.

O leitor de hoje ficará muito menos chocado do que seus ancestrais face à afirmação de que as grandes categorias do entendimento, enunciadas desde Parmênides até Kant, encontram sua origem na práxis humana e suas evoluções incertas. O “desconstrutivismo” pós-moderno

pretende ter descoberto que toda representação social não passa de uma construção cultural, um “discurso” que corresponde aos interesses de um grupo social determinado. Ao mesmo tempo, as ciências da natureza sempre se alinham mais à base de um “operacionalismo” radical que se preocupa somente com a eficácia e deixa as questões de validade “aos anjos e aos pardais”. Assim, é preciso lembrar que a concepção das ciências naturais sustentada por Sohn-Rethel não é de modo algum relativista: para ele a matéria do conhecimento é empírica — é o metabolismo com a natureza que fornece às ciências naturais seus problemas. São as *formas* do conhecimento que são não-empíricas. O fato de explicar a gênese de um pensamento não diminui, de acordo com Sohn-Rethel, sua validade. Esse procedimento pretende criar defesas contra a dogmatização, a fetichização, e principalmente contra o véu não-histórico e ontológico com o qual o pensamento se cobre. É exatamente a antinomia entre a validade e a gênese que é preciso superar, diz ele já na exposição de 1937<sup>26</sup>. Segundo um velho preconceito metafísico, o que se tornou, o que não é eterno, não tem validade absoluta. O relativismo moderno segue com frequência, à sua maneira, essa *petitio principii*. É como se a explicação da gênese de um fenômeno lhe retirasse toda pretensão de verdade<sup>27</sup>.

Acerca disso Sohn-Rethel é claro: embora os conceitos nos pertençam, eles não são feitos por nós, por nossa reflexão consciente, mas por nosso agir cego. Em consequência, sua realidade objetiva está fora do alcance da dúvida. A abstração da troca permitiu à reflexão “descobrir” certas verdades científicas (por exemplo, o princípio da inércia), em vez de “inventá-las”. As realidades sociais (tais como o dinheiro) são como “arquetipos” para o conhecimento do mundo objetivo. O fato, diz ele no início de sua exposição de 1937, de aplicar o conceito de fetichismo à lógica e à teoria do conhecimento não significa que estas sejam necessariamente fetichistas: elas não desaparecerão nem mesmo em uma sociedade sem classes, porque a reificação é também uma condição para que o homem possa se descobrir a si próprio<sup>28</sup>. A verdade existe, mas ela se encontra na história da humanidade: “esses resultados nos autorizam a tirar a conclusão geral de que, nos limites da produção mercantil, os fundamentos válidos da ciência de uma época são aqueles que estão de acordo com a síntese social da época em questão”<sup>29</sup>.

Sohn-Rethel se diferencia sob três pontos essenciais em relação à análise marxiana da forma-valor: ele recusa o conceito de “trabalho abstrato” que, no entanto, constitui para Marx a base da troca abstrata; ele identifica o resumo *conceitual* do desenvolvimento das formas do valor feito por Marx como um resumo *histórico*, pensando que a “forma-valor simples” realmente existiu no passado (um erro no qual já Engels tinha caído, e quase todo o marxismo tradicional); ele substitui a dedução da abstração mercantil em Marx, que faz rigorosamente “abstração” do comportamento dos possuidores de mercadorias — os quais não podem fazer nada que não seja seguir o desenvolvimento do valor (e é exatamente aí que reside o fetichismo social) — por uma teoria psicologizante da ação e das motivações dos trocadores que se aproxima sob certos aspectos da teoria “marginalista”.

Com efeito, a questão é saber onde se encontra a origem dessa “inversão” da vida social que é a abstração. Será que é já na produção das mercadorias, logo, na esfera do trabalho, ou na circulação, portanto, na esfera da troca dos produtos? No capitalismo, será que a própria atividade produtiva — o “trabalho” — já é alienada, ou são as atividades de vender e comprar que transformam produtos “inocentes” em mercadorias, portadoras da alienação social? A questão está longe de representar uma simples bizantinice, pois dela dependem também as saídas práticas: em qual esfera da vida social seria necessário intervir para tentar remediar os males produzidos pela abstração social?

Sohn-Rethel desloca a origem da abstração mercantil para esfera da troca, para a circulação, porque a produção é, a seu ver, um metabolismo não-social e supra histórico com a natureza. Nessa perspectiva, o trabalho enquanto tal não pode ser alienado, porque ele é sempre um trabalho concreto. A alienação surge somente quando o trabalho é violentado pela esfera da troca. A difusão da produção privada comportou, segundo Sohn-Rethel, uma separação entre a socialização e o trabalho, de modo que a dimensão social vem a residir unicamente na troca. Onde reina a produção de mercadorias, a síntese social se baseia no processo de circulação.

Para Marx, é o trabalho abstrato que confere aos produtos sua “objetividade de valor”, que faz com que tenham um valor. Para Sohn-Rethel, é a troca que cumpre essa tarefa, e é por isso que ele

quer substituir a noção marxiana de “abstração-mercadoria” pela de “abstração-troca”.

Esse debate poderia parecer obscuro aos “não-inciados”. Entretanto, não se trata de simples filologia marxiana: se admite-se — como o fazem Sohn-Rethel e também certos autores contemporâneos — que não é o dispêndio de trabalho abstrato — portanto, de energia humana determinada sempre quantitativamente — que determina o valor, mas a convenção intersubjetiva na troca, então nunca vai existir qualquer limite ao crescimento do valor, e assim, nenhum limite interno ao desenvolvimento do capitalismo. A interpretação sohn-retheliana de Marx diz respeito diretamente a questões de atualidade.

Qual foi o impacto das teorias de Sohn-Rethel nas “ciências sociais”? Não muito grande, em todo caso, apesar de um breve entusiasmo na “Nova esquerda” alemã — e também italiana — nos anos setenta<sup>30</sup>. Sohn-Rethel influenciou a elaboração das teorias de Adorno<sup>31</sup>; por outro lado, ele contribuiu, embora de maneira contraditória, ao nascimento da “crítica do valor” contemporânea. Com efeito, ele retomou o núcleo de maior validade e de maior profundidade da teoria de Marx: a análise da lógica do valor e da mercadoria. Ele trouxe à lume o fato de que, segundo Marx, uma das características mais essenciais do capitalismo é a “abstração” à qual ele submete a vida social. Com o termo “abstração real”, Sohn-Rethel deu uma contribuição muito importante à elaboração da crítica do fetichismo da mercadoria, mesmo que — como vimos — sua recusa em ligar a “troca abstrata” ao «trabalho abstrato» — como o faz o próprio Marx — tenha, limitado gravemente o alcance de suas intuições. Mas ele contribuiu à análise crítica de um mundo onde o fetichismo da mercadoria conduz à destruição e à autodestruição da sociedade. Sohn-Rethel já o dizia em 1937: na sociedade mercantil, a racionalidade da produção se encontra fora dela mesma, na esfera puramente social onde os produtos têm um “valor” econômico<sup>32</sup>. O desenvolvimento do pensamento independente representou uma espécie de tentativa de limitar os estragos causados pela independência da economia, que nasceu, todavia, da mesma raiz do pensamento independente. Mas o resultado é sempre incerto: “Quando a produção, para poder existir, tem necessidade da *ratio* teórica, é porque as relações sociais entre os homens, indispensáveis para se viver, tornaram-se

incontroláveis: um resultado cego da causalidade econômica da lei do valor”<sup>33</sup>. Saber se a “ratio teórica” é hoje capaz de encontrar um caminho que ainda conduza para fora da “causalidade econômica”: eis a questão<sup>34</sup>.

Tradução de Robson J. F. de Oliveira

## Abstract

What has made possible the ability of abstract thought as it set over in the past centuries and today is known as a natural attribute of civilized man? Why this ability allowed him to develop modern science – a knowledge that made him capable of an increasingly comprehensive domination of the world? The following text recalls the classic work of Alfred Sohn-Rethel who sought answers to these questions.

**Key words:** Sohn-Rethel; categories of the understanding; money as real abstraction; social synthesis.

---

## Notas

<sup>1</sup> Estranho destino o de Alfred Sohn-Rethel, e comovente também: a “tenacidade incrível” com a qual ele perseguiu uma intuição por toda a vida, tida quando estudante, viu-se recompensada cinquenta anos depois. Filho de casal de artistas alemães nômades, ele nasceu em 1899 em Paris e cresceu em Dusseldorf. Com dezesseis anos, ele pede ao seu padrinho, um grande industrial alemão, como presente de natal *O Capital* de Marx, e ele passa a vida a lê-lo. Em 1921, estudante em Heidelberg, propõe a seus professores sua descoberta: o sujeito transcendental, de que fala Kant, é derivado da forma mercadoria. A reação é encorajadora: “Sohn-Rethel enlouqueceu de vez”, ouviu alguém dizer, e não pela última vez. Ele passa os setenta anos restantes de sua vida a elaborar essa ideia, a aprofundá-la, a demonstrá-la, a explicar a si mesmo, apesar de nos primeiros cinquenta anos quase ninguém querer ouvi-lo.

No mesmo período, ele cria um laço de amizade com Walter Benjamin e Theodor Adorno, que reconhece nele seu primeiro mentor. Entretanto, ele defende também sua tese de doutorado em economia com uma crítica do marginalismo. Essa formação permite-lhe trabalhar, nos primeiros anos do nacional-socialismo, como “*expert econômico*” e estudar a política econômica dos nazistas, mantendo ao mesmo tempo relações com os círculos de resistência. Desmascarado em 1936, precisa fugir e chega à Inglaterra. Lá, retoma o contato com Adorno. Ele espera poder colaborar, a partir da mediação de Adorno, com o Instituto de pesquisa social, então em exílio e

dirigido por Max Horkheimer. Ele prepara grandes exposições de sua teoria que são acolhidas com entusiasmo por Adorno. Mas Benjamin, chamado a dar seu julgamento, permanece frio, e Horkheimer decide não dar qualquer apoio a Sohn-Rethel. Seus caminhos se separam. Enquanto seus amigos emigram aos Estados Unidos, Sohn-Rethel permanece na Inglaterra. Lá trabalha, durante décadas, como empregado. No pós-guerra, Sohn-Rethel chega de qualquer modo a publicar alguns pequenos artigos. Parece decididamente que suas ideias estão destinadas a ficar na obscuridade.

Mas a fidelidade às ideias recompensa, e às vezes a dispensada aos amigos também. Em setembro de 1969, ele comparece ao funeral de Adorno. Nessa ocasião, o editor de Adorno lhe pergunta se ele é aquele Sohn-Rethel de quem tanto Adorno lhe falara — e se ele tinha algum manuscrito a publicar. No ano seguinte, o editor Suhrkamp publica sua obra principal, *Trabalho intelectual e trabalho manual*, escrito vinte anos antes. Aos setenta e um anos, Sohn-Rethel começa uma nova vida. Nos anos seguintes, todos os seus antigos textos são publicados e ele escreve outros. Ele é até mesmo chamado a dar cursos na Universidade de Bremen, onde ele enche os anfiteatros. Ele se engaja em diálogos e polêmicas, visto que suas teses suscitaram debates intensos na “Nova esquerda” e respostas rabugentas da parte dos “marxistas ortodoxos”. Apesar da forte baixa do interesse do público alemão por esse tipo de debate do decorrer dos anos oitenta, ele continua seu ensino universitário e as revisões de seus livros até sua morte em 1990.

Obras principais: *Geistige und Körperliche Arbeit. Zur Theorie des Gesellschaftlichen Synthesis* [Trabalho intelectual e trabalho manual. Para uma nova teoria da síntese social], Suhrkamp, Frankfurt 1970, 1972, VCH, Weinheim 1989; *Warenform und Denkform* [Forma mercadoria e forma do pensamento], EVA, Frankfurt/Wien 1971, Suhrkamp, Frankfurt 1978, *Materialistische Erkenntniskritik und Vergesellschaftung der Arbeit* [Crítica materialista do conhecimento e socialização do trabalho], Merve, Berlin 1971; *Das Geld, die bare Münze des Apriori* [Dinheiro, a moeda real do a priori], Wagenbach, Berlin 1990.

<sup>2</sup> Essas soluções pressupõem sempre um dualismo ontológico do sujeito e do objeto. Sohn-Rethel, ao contrário, quer explicar *historicamente* esta cisão entre o sujeito e o objeto (como ele o explicita já em sua carta programática a Adorno em novembro de 1936) [em *Warenform und Denkform*, edição aumentada, Suhrkamp, Frankfurt a. M. 1978, p. 25]; assim, uma de suas contribuições ao pensamento crítico de hoje reside precisamente em seu aporte à crítica da categoria histórica do sujeito.

<sup>3</sup> Adorno, Theodor W. – *Dialética negativa*, p. 163, ed. Francesa.

<sup>4</sup> *Warenform*, p. 108

<sup>5</sup> Hoje, a utilidade do “materialismo histórico” em sua forma canonizada é mais do que duvidosa e ainda mais contestáveis são suas aplicações às sociedades não-capitalistas. Trata-se agora de interpretar a história como uma história de fetichismos antes de pretender interpretá-la como uma história de luta das classes. Sohn-Rethel

já tinha proposto escrever uma “história universal do mecanismo da fetichização” remontando até antes da antiguidade; mas ele identificava esse mecanismo com a “gênese das ideologias no que concerne sua validade”, como escreveu em sua carta a Adorno de 1936 (em *Warenform*, p. 13). O fetichismo é, portanto, para ele, como para todo o marxismo tradicional uma forma de ideologia, de falsa consciência, e não um fenômeno *real*.

<sup>6</sup>Marx, Karl – *Contribuição à crítica da economia política (1859)*.

<sup>7</sup> Marx não se interessou, diz Sohn-Rethel, pela gênese do pensamento científico, nem por seu papel social.

<sup>8</sup> Para uma leitura de Marx baseada na importância da forma-valor, ver Postone, Moishe: *Time, Labor, and Social Domination. A Reinterpretation of Marx' Critical Theory*, Cambridge University Press, Cambridge — New York — Melbourne 1993. Edição Francesa pela Editora Fayard, 2009.

<sup>9</sup> “A lógica é o dinheiro do espírito, o valor pensado, especulativo, do homem e da natureza [...] é o pensamento alienado que faz, assim, abstração da natureza e dos homens reais: o pensamento abstrato.” (Marx, Karl: *Manuscritos de 1844*, trad. Bottigelli, E.S. 1972, p. 130).

<sup>10</sup> Sohn-Rethel, sempre tão preocupado em sublinhar o caráter histórico — a gênese — dos conceitos, serve-se, entretanto, de um conceito não-histórico, e nunca problematizado, de “trabalho”. Ao indicar, por exemplo, na colheita primitiva um “trabalho” no sentido moderno, ele já cai em falsas ontologizações: projeções retrospectivas produzidas por esse “trabalho abstrato” moderno do qual ele não quer ouvir falar.

<sup>11</sup> Que é também o título de sua obra principal (*Trabalho intelectual e trabalho manual*, 1970). Sohn-Rethel insistia no fato de que a superação dessa separação era uma exigência incontornável para uma sociedade comunista, e disso ele tirava uma crítica da realidade soviética.

<sup>12</sup> Ele tem o mérito de ter introduzido o termo *Realabstraktion* no debate marxista (mesmo que a palavra se encontre já em Georg Simmel). Em Marx, a ideia esta presente, mas não o termo.

<sup>13</sup> “A ligação criada na troca é estabelecida pela rede de troca, e por nada mais. É o fato de eu comprar um casaco, não o de vesti-lo, que faz parte do laço social, assim como o fato de vendê-lo, e não o de produzi-lo[!]. Se, então, queremos falar do laço social ou, como se pode chamar, da síntese social, é-nos forçoso falar da troca e não do uso” (*Intellectual Labor and Manual Labor*, tradução inglesa de M. Sohn-Rethel, Humanities Press, Atlantic Highlands, N.J., 1978, p.29). Vê-se aqui que Sohn-Rethel toma o trabalho por uma atividade pré-social, puramente natural.

<sup>14</sup> E sabe-se bem o quanto essa distinção era desenvolvida na Grécia antiga e qual superioridade era acordada à atividade intelectual.

<sup>15</sup> Ele se apoia nos trabalhos do historiador marxista inglês George Thomson (*Os primeiros filósofos* [1955], tradução francesa ES, 1973), com o qual ele colaborou. Suas pesquisas foram aprofundadas mais tarde no livro de Rudolf Wolfgang Müller: *Geld und Geist. Zur Entstehungsgeschichte von Identitätsbewußtsein und Rationalität seit der Antike* [O espírito e o dinheiro. Contribuição à história da consciência da identidade e da racionalidade desde a Antiguidade] Campus, Frankfurt e New York 1977. Esse livro notável, embora tenha sido escrito por um professor de universidade e publicado por um grande editor científico, não teve muita repercussão e não foi traduzido, sinal de uma evidente surdez dos “pesquisadores” nesse campo.

<sup>16</sup> *Intellectual Labor*, p. 65.

<sup>17</sup> *Intellectual Labor*, p. 48.

<sup>18</sup> *Intellectual Labor*, p. 54.

<sup>19</sup> *Das Geld, die bare Münze des Apriori*, Wagenbach, Berlin 1990, p. 47.

<sup>20</sup> *Dans Geld*, p. 28.

<sup>21</sup> *Intellectual Labor*, p. 122.

<sup>22</sup> *Intellectual Labor*, p.37.

<sup>23</sup> *Das Geld*, p. 42

<sup>24</sup> “Eu defino o ‘objeto transcendental’ kantiano como conceito fetichista da função-capital do dinheiro” (*Intellectual Labor*, p. 77)

<sup>25</sup> Exposição de 1937, em *Warenform* p. 36.

<sup>26</sup> *Warenform*, p. 73.

<sup>27</sup> Enquanto que, por um lado, o relativismo pós-moderno não saberia como reivindicar Sohn-Rethel, por outro, seria interessante comparar suas teorias com as investigações de Émile Durkheim, que escrevia “Foi a sociedade que produziu o esboço sobre o qual trabalhou o pensamento lógico”. (Durkheim, *As formas elementares da vida religiosa* [1912], PUF 1994, p. 211) ou de Georg Simmel que afirmava: “O crescimento das capacidades intelectuais de abstração caracteriza a época em que o dinheiro, cada vez mais, torna-se puro símbolo, indiferente ao seu valor próprio” (Simmel, *Filosofia do dinheiro* [1900] PUF, 1987, p. 157).

<sup>28</sup> *Warenform*, p. 31.

<sup>29</sup> *Intellectual Labor*, p. 31.

<sup>30</sup> Na França, pode-se encontrar apenas marcas bastante frágeis de um interesse por Sohn-Rethel: afora um ensaio publicado (sem introdução nem comentário redacional) em 1970 na revista *O Homem e a sociedade*, temos conhecimento apenas de uma pequena resenha crítica de Bruno Latour, publicada em 1979 no número 5 da revista *Pandora*, de uma referência em um artigo de Patrick Tacussel e de uma resenha na internet proposta recentemente por um matemático do CNRS (Centro Nacional de Pesquisas Científicas), Jean Lassègue.

<sup>31</sup> Ver suas trocas epistolares, durante (com interrupções) mais de trinta anos: Theodor W. Adorno/Alfred Sohn-Rethel. *Briefwechsel 1936-1969*, Edição texto-crítica, München 1991. Adorno cita Sohn-Rethel em 1966 na *Dialética Negativa*, cit. p. 142.

<sup>32</sup> *Warenform*, p. 40.

<sup>33</sup> *Warenform*, p. 86.

<sup>34</sup> Recentemente, as teorias de Sohn-Rethel foram retomadas, aprofundadas e corrigidas na Alemanha por Eske Bockelmann em seu espesso volume *Im Takt des Gelds. Zur Genese modernen Denkens* [A medida do dinheiro. Sobre a gênese do pensamento moderno - Ed. Zu Klampen, Springe 2004. Resumido pelo autor na revista *Exit!* (Nurembergue) número 5 (2008)]. Segundo ele, a gênese do pensamento moderno situa-se bem exatamente por volta de 1620, quando em diferentes domínios — filosofia, música, poesia, matemática — apareceram os primeiros autores que tiraram as consequências do que se estava vivendo na Europa há uma ou duas gerações: a difusão do “dinheiro enquanto dinheiro”, como chama Marx. Este não estará mais ligado só à matéria preciosa (o metal), mas tornou-se uma relação universal e a mediação entre todas as atividades humanas. O pensamento e mesmo a percepção dos homens começam — mas sem que estes tenham disso consciência — a reproduzir as estruturas dos atos de troca, e sobretudo o dualismo entre a “unidade pura” e sem conteúdo próprio — o dinheiro — e a “unidade puramente referida” — a mercadoria. O próprio hábito de conceber uma série de elementos, por exemplo sons, segundo a alternância “acentuado — não-acentuado” (portanto, numa relação pura, sem conteúdo), não aparece, conforme o estudo documentado de Bockelmann senão no século XVII, simultaneamente à “revolução científica”. Na matemática, na física e alhures instala-se esta “unidade vazia”, a “função pura” às quais os homens tinham-se habituado utilizando cotidianamente o dinheiro. E uma vez que as estruturas do dinheiro e da mercadoria começaram a estruturar em profundidade nosso espírito, não se pode nem mesmo mais imaginar que antes tenha havido outras formas de percepção e de pensamento. As formas novas na realidade tanto como no pensamento, introduzidas pelo dinheiro, apresentam-se rapidamente como naturais, auto-evidentes e como sempre tendo existido, desafiando, assim, todo e qualquer questionamento sobre sua gênese.